

# **SOMBRA, LUZ, AÇÃO! EXPERIMENTAÇÕES E POTÊNCIAS DO CINEMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

## **SHADOW, LIGHT, ACTION! EXPERIMENTATION AND POTENCIES OF CINEMA IN CHILD EDUCATION**

Juliana Pereira da Silva de Oliveira<sup>1</sup>  
Wenceslao Machado de Oliveira Jr.<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto parte do relato de duas experiências com sombra e luz no contexto de um cineclube escolar centrado na proposta de ver-conversar-fazer cinema na escola. O relato aponta o quanto esta experiência, realizada na Educação Infantil, tem sido atravessada pelo coletivo da escola de diversas maneiras, bem como as experimentações com cinema se fazem acompanhar de preocupações éticas e estéticas da relação entre as crianças e as imagens. No texto, o anonimato, a música e o prazer das crianças aparecem como motes de criação para os filmes.

**Palavras-chave:** Cinema; educação infantil; formação de professores.

**Abstract:** The text starts from the report of two experiences with shadow and light in the context of a school cine club aiming at the proposal of how to see-talk-make cinema in schools. The report indicates how this experience, performed in child education, has been crossed by the school collective in several ways. It also focuses on how experimentations with cinema are accompanied by ethical and aesthetic concerns of the relationship between children and images. In the text, anonymity, music and the children's joy appear as motes of creation to the films.

**Keywords:** Cinema; child education; teacher training.

### **Introdução**

Quando pensamos na produção de cinema com as crianças da Educação Infantil, as imagens que suscitam nossa mente são as da espontaneidade das crianças em suas brincadeiras e rotinas, no cotidiano escolar. Registrar memórias de uma infância feliz, resultado de atividades lúdicas que causam curiosidade ao olhar, sentir, escutar é um interesse coletivo dos profissionais da educação, porém difícil de se realizar em meio à multiplicidade de tarefas e funções de uma rotina um pouco cansativa, mas necessária.

Para que se entenda este cotidiano na educação infantil, é preciso compreender que as crianças necessitam ser alimentadas e trocadas (fraldas/roupas sujas), e essas experiências se encaixam entre uma necessidade e outra, para seu bem estar social. Desta forma, conciliar as propostas de atividades do Cineclube Regente/Cha e no Projeto *Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas*<sup>3</sup> com a rotina engessada das crianças é um tanto desafiador, num momento em que não temos aparelhos, câmeras de uso coletivo e sim apenas nosso próprio celular, instrumento para captação de imagens, sons e edição<sup>4</sup>.

Precisamos ressaltar que após a participação no Cineclube, a observação do trabalho com as crianças ficou ainda mais aguçada. Partindo dessas vivências, e das nossas experiências fora

<sup>1</sup> Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Financiado pela FAPESP [processo 2018/09258-4]. Este texto é uma de suas produções.

<sup>4</sup> Esta era a situação durante o ano sem financiamento do Projeto. No início de 2020 chegaram às escolas os equipamentos comprados com apoio da Fapesp. No entanto, as experimentações com eles tiveram que ser adiadas devido ao contingenciamento das atividades presenciais nas escolas exigido para a contenção dos contágios pelo coronavírus.

do contexto escolar com fotografia profissional, principalmente de silhuetas<sup>5</sup>, que é uma paixão, surgiu a ideia de realizar atividades com sombra e luz. Contudo, além de capturar situações reais da infância na escola, surge a partir das silhuetas um filme que mistura mistério e realidade. Assim, surge maior interesse de registrar momentos em que a sombra das crianças e objetos passa a ser representada com magia e poesia, sem um certo “estereótipo”, ou seja, sem um padrão de beleza estabelecido pelo senso comum.

O privilégio da infância é podermos transitar livremente entre a magia da vida e os mingaus de aveia, entre um medo desmesurado e uma alegria sem limites.  
(...) Eu sentia dificuldade para distinguir entre o que era imaginado e o que era real, escreveu o cineasta sueco Ingmar Bergman em sua autobiografia, intitulada “Lanterna Mágica” (MELO, 2017, s/p).

Desde muito pequenas, as crianças se encantam com a luz e prestam muito atenção em suas sombras, seus movimentos e barulho. Como assim? Sombra tem barulho? Sim, tem ritmo, cheiro, sensações e muito mais. É possível virar até uma poesia, do jeito que encanta as crianças com suas formas e movimentos.

No ano seguinte, somamos às imagens e filmes, a Musicalização, a partir de um trabalho conjunto com uma colega de trabalho experiente nesse aspecto, a Mônica Araújo da Silva<sup>6</sup>.

Neste texto relataremos duas experiências muito distintas. Separadas por mais de um ano de distância cronológica, elas são aproximadas pelo “problema” cinematográfico que ambas nos colocam: a captação das relações entre luzes, sombras e corpos de crianças pequenas.

### A primeira experiência: o teatro de luz e sombras

Nossa primeira experiência foi iniciada no dia 18 de abril de 2018. Nos preparamos para realizar um teatro de luz e sombra. A professora Christinne Plinis<sup>7</sup> tinha uma luminária na sala, mas decidimos que não a usaríamos uma vez que a luz dela era muito fraca. Então utilizamos um retroprojetor como fonte de luz. Tínhamos um retroprojetor antigo e ele foi transportado para a sala do cineclube, onde montamos o cenário do teatro/cinema de sombra e luz.

Havíamos levado um tecido de algodão para ser preso num fio, como um varal, e esticado na sala como anteparo para a luz projetada. No entanto, este tecido se mostrou um pouco pesado e acabamos decidindo por utilizar dois expositores de metal leve onde penduramos o tecido de modo a ir até o chão, para que as crianças apenas pudessem circular em volta do tecido/cenário e não embaixo dele. Outras “gambiarras” foram feitas com cadeiras das crianças para segurar os expositores, pois eram leves demais. Prendemos o pano com prendedores de roupa que havia na sala.

<sup>5</sup> A fotografia da silhueta de um objeto ou pessoa exige pouca atenção às cores, texturas e profundidade. Você só precisa de um olhar treinado e uma regra simples da fotografia: a contraluz.

<sup>6</sup> Agente de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Tecnologia de Gestão de Recursos humanos e Pedagogia e especialização em Ensino de Música e Artes, Capacitação em Música, Recreação e Arte na Educação. Integrante do Cineclube Regente/Cha desde 2019 e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2019/18902-7].

<sup>7</sup> Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. possui graduação em Ciências Sociais e Pedagogia (licenciatura e bacharelado) e especializações em Educação Especial e Inclusiva, e em Literatura Infantil com ênfase em contação de histórias. Não é integrante do Cineclube Regente/Cha, mas é uma parceira constante de nossas experimentações com o cinema.

Num primeiro momento, ficamos manipulando os objetos atrás do tecido, enquanto a professora Christinne Plinis e o educador Enzo Carocci<sup>8</sup> auxiliavam acolhendo as crianças, acalmando-as para a observação das sombras. Tivemos a participação de Mauro Guari<sup>9</sup>, que nos auxiliou com o registro de foto e vídeo<sup>10</sup>.

A sombra pode ser gerada de vários tamanhos, o que dependerá da distância e do corpo que está bloqueando a fonte de luz. Quanto mais longe o objeto estiver da luz, mais autêntico será o formato de sua sombra; quanto mais perto, maior ela ficará.

Importante dizer que, ao contrário do que ocorre com o cinema, a luz vazava pela tela disposta por nós, de modo que a plateia estava do lado oposto da tela, exatamente em frente ao foco luminoso, o qual não era visto porque a tela/tecido impedia.



Fotografias do primeiro dia da experiência com teatro de luz e sombra – Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

A apresentação da atividade iniciou com a manipulação dos objetos e em seguida fomos inventando, cantando e contando histórias entre tentativas de descobertas do que seriam aquelas sombras: “o que é isso? um leão, um elefante, uma flauta, um lobo... um pé, uma bruxa, uma cobra, uma minhoca... a bruxa vai ser comida pelo leão? Pra onde está indo essa cobra? A mão tá fazendo carinho no lobo...”

A interação das crianças foi tão grande que resolvemos deixá-las percorrerem o espaço para observar o que tinha atrás do tecido: a fonte da luz que levava a todos os objetos usados na brincadeira a se projetarem como sombras no tecido. Aos poucos, um a um foi se levantando e observando o formato dos bichos com as mãos e seus próprios corpos projetados como

<sup>8</sup> Agente de educação infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Educação Especial e Inclusão. Não é integrante do Cineclube Regente/Cha, mas sempre nos apoiava em nossas experimentações com o cinema.

<sup>9</sup> Agente de educação infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Cha Il Sun. Possui graduação em Ciências Sociais e especialização em Psicopedagogia Clínica e Educação Infantil. Integrante do Cineclube Regente/Cha desde 2018 e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2019/18197-1].

<sup>10</sup> As escolas possuem permissão de imagem de todas as crianças presentes nas fotografias deste artigo.

sombra no tecido. Ali estavam eles diante de uma das possibilidades de se definir o que seria o teatro de sombras, ou como dizem alguns teóricos, pré cinema: luz projetada numa tela.



Fotografias do primeiro dia da experiência com teatro de luz e sombra – Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

Nesse momento foi grande a correria e os conflitos para movimentar os objetos, mas após algumas intervenções conseguimos controlar um pouco o ânimo das crianças. Tínhamos na sala cerca de 20 crianças de 2 a 3 anos, e uma delas demonstrou uma melhor experiência com as sombras. Ela conseguia manipular muito bem as mãozinhas na luz projetada no tecido, criando sombras de animais, despertando nos colegas o desejo e a curiosidade em fazer igual ou parecido.

No dia 02 de maio de 2018 demos seguimento à experiência, expandindo-a para outras turmas da escola. Pelas falas dos participantes/turmas convidadas que nos chegaram após a sua realização, ela foi de suma importância para alguns educadores que nela estiveram presentes. Conseguimos reunir as três salas de Agrupamento II, crianças de 2 a 3 anos que ficam no período integral, para uma sessão de cinema e teatro.

A ideia foi usar objetos e fantoches já existentes na escola, contando a história cantada *Rato*, do grupo musical *Palavra Cantada*, conhecida por todas as turmas. Mas ela seria apresentada de uma maneira diferente, com sombras e luz.

Fizemos um cenário em frente da tela, com o “tecido esticado” num suporte adaptado como na vez anterior. Mas desta vez, para compor o cenário colocamos um castelo feito de papelão com dois ratinhos para enfeitar na frente da tela e dois vasos de flores em cima de tambores (instrumentos musicais).

A intenção foi de fazer interagirem as três turmas e fazer com que as crianças observassem mais as sombras e vissem uma história contada com imagens em movimento, outra forma de se definir o que seria o cinema.



Fotografias do segundo dia da experiência com teatro de luz e sombra – Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

As equipes de cada turma/agrupamento são compostas por um professor e dois educadores. Nos dividimos, ficando dois educadores para manipular os fantoches e os demais quatro profissionais para olhar a plateia, as três turmas, onde havia cerca de 60 crianças. Nesta segunda edição do teatro de luz e sombras a história não foi contada pelas profissionais que manejaram os fantoches atrás da tela, mas sim pelo grupo *Palavra Cantada*, uma vez que a ouvimos a partir do CD *Para ficar com você*, que colocamos para girar.

As crianças ficaram bastante atentas, havendo pouca dispersão. Os adultos intervinham somente para destacar algo na história/tela ou para reduzir a agitação de alguma criança mais empolgada naquela situação, ou ainda acolhendo aquelas que demonstravam “medo” diante das sombras/história, pois assim como ocorreu na atividade anterior, os personagens as vezes ficavam enormes na tela.

Foi bem interessante e intenso, mas não foi possível que ela se repetisse. O objetivo após essa apresentação era nos reunirmos toda semana, ficando cada turma responsável por criar, produzir uma atividade coletiva, utilizando ou não a tela com sombra e luz. Nossa agrupamento ficou muito animado, pois desta vez, conseguíramos enfim unir mais as crianças dos três agrupamentos, tendo em vista que amavam estar juntas. A potência do cinema poderia ter estimulado essa interação ao unir as três turmas?

Infelizmente esta potência do cinema para reunir grupos para assistir algo juntos durou pouco. Tivemos dois ou três eventos somente após essa apresentação do *Rato*. Uma proposta de atividades que reúna mais de uma turma de crianças precisa ser bem planejada, melhor elaborada conjuntamente com os profissionais envolvidos, no sentido de se organizar um tempo e um espaço comum, e isto não é nada fácil numa escola infantil, recheada de rotinas estabelecidas. Estas e outras dificuldades fizeram com que a maioria dos educadores desistisse da ideia de seguirmos o caminho iniciado naquela sessão de cinema e teatro de luz e sombras.

### A segunda experiência: o filme de sombras e luz... e música

Apesar de ter passado mais de um ano, continuávamos eu e a professora Christinne Plinis na mesma equipe, tendo a Mônica Araújo da Silva passado a estar conosco, compondo a equipe do agrupamento II B, no período da manhã. Para a evolução do cinema dentro da escola, em agosto de 2019 ela também passou a fazer parte do Cineclube e do Projeto acima citados, passando a compartilhar conosco mais da sua experiência com musicalização, agora nas produções de filmes.

Como a experiência da atividade com sombra e luz tinha sido gratificante no ano anterior, decidimos dar continuidade, inserindo imagens e sons dos instrumentos durante as próximas apresentações. Desta forma, seria interessante observar mais como a musicalização poderia nos auxiliar com sons no processo de fazer cinema na escola.

A ideia da atividade “luz, sombra e música” tinha como objetivo inicial provocar nas crianças a escuta intencional para conhecer ou reconhecer um instrumento, pois alguns destes instrumentos já lhes tinham sido anteriormente apresentados e haviam sido experimentados por elas. Além de oportunizar a imaginação e escuta dos sons graves, agudos, a distinção de sons conforme os instrumentos que temos na escola, como por exemplo idiofones (chocalho, ganzá, xilofone, reco-reco, cajon), cordofones (violão) e instrumentos de sopro.

Não dá para pensar em Educação Infantil sem imaginar o barulho, falas incessantes, crianças correndo, brincando e gritando. Por conta deste universo sonoro muito intenso, gostamos de pensar que “a música na Educação Infantil acontece com ou sem mediação do adulto, não importa o momento, não importa o espaço, quando menos esperamos ela acontece, de forma espontânea e criativa”, fazendo a adaptação de um trecho do caderno de campo de Mônica Araújo da Silva no Projeto *Lugar-escola e cinema*.



Fotografias do dia da experiência musicalização com teatro de luz e sombra – Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

Para essa experiência, montamos o cenário utilizando algumas adaptações como nas experiências anteriores, tecido de algodão para tela, suporte de ferro onde se colocam os livros de leitura das crianças, apoiado nas cadeiras pequenas. Desta vez, no entanto, como fonte de luz utilizamos uma lanterna que nos permitia fazer vários tipos de projeções: maior, menor, com mais ou menos intensidade de luz e uma ainda poderia ficar piscando. Durante a apresentação dos instrumentos, escolhemos o modo de funcionamento da lanterna que piscava,

tornando o ambiente um tanto desconfortável com a luz que se alterava constantemente e ao mesmo tempo inusitado para os participantes.

Neste dia planejamos que a Mônica faria a apresentação inicial atrás da tela, tocando os instrumentos e dando dicas às crianças de qual instrumento era exibido/tocado. Poucas crianças conseguiram identificar o nome dos instrumentos, que eram um pouco difíceis de se pronunciar para aquela idade (02-03 anos). No entanto, permaneceram bastante atentas às sonoridades e às sombras que viam na tela.

Depois de estimular a escuta dos instrumentos, demos espaço para que as crianças se expressassem por detrás da tela, indo em duplas, usando as mãos e corpo, para se expressarem através das sombras projetadas na tela pela luz da lanterna, interagindo com a plateia, a qual se mostrou super participativa.

A espontaneidade das crianças foi incrível. Elas amaram brincar e se apresentar. Algumas dançaram, outras interpretaram músicas, como *A linda Rosa Juvenil* que uma delas adorava cantar. A diversão e interação foram intensas como em todas as outras experiências, mas com a sensação de menos estranhamento, por parte das crianças, com as luzes e sombras, afinal algumas delas já tinham participado da experiência do ano anterior.

Com base nessas experiências, a atração das crianças pelo jogo de luzes e sombras ainda nos trazia muitas sensações boas e assim surgiu a ideia de fazer um filme das sombras das crianças em suas brincadeiras, sem identificá-las, fazendo com que uma ou algumas delas representassem uma infância, seja nos seus gestos singulares de brincar, sendo todas protagonistas do filme, uma vez que dificilmente se consegue identificar de quem são aquelas sombras. As sombras desidentificam cada criança ao mesmo tempo que o conjunto delas identifica a infância comum vivida por cada uma delas.

Para a produção do filme, o parque foi o local escolhido para a gravação. Na escola somos privilegiados com a multiplicidade de espaços que temos para o brincar, com muitas árvores, sombras, plantas, insetos, visitas e cantares de pardais, sabiás, maritacas entre outros, borboletas, lagartas etc. E o parquinho próximo ao tanque de areia – espaço onde brincamos com baldinhos, objetos domésticos recicláveis, pazinhas, colheres de plástico, metal e madeira, foi escolhido devido ao sol bater ali logo pela manhã, por volta das 8 horas, formando longas sombras no chão.



Fotografias de crianças brincando no parquinho e no tanque de areia – Fonte: Acervo da autora

A maior dificuldade para realizar as filmagens de registro das sombras foi a combinação entre o sol e a observação do comportamento das crianças e das sombras de seus corpos projetadas no chão. Era preciso estar no horário certo para capturar as cenas, sendo preciso muita atenção ao entorno, escutando e prevendo algumas atitudes, esperando o momento certo para filmar. Com a câmera do celular virada para o chão, buscávamos registrar no ângulo certo para que houvesse menos cortes possíveis durante a edição. Em alguns brinquedos era preciso filmar diversas vezes para pegar o momento em que a sombra delas aparecia na cena e muitas vezes éramos interrompidos por uma criança que gostaria de aparecer na cena ou até mesmo contar uma história ou conflitos ocorridos com os colegas.

Para além das dificuldades no momento de filmar, quando nas filmagens aparecia alguma parte dos corpos das crianças e não só a sombra, refazíamos toda a filmagem, aguardando novamente a reação da criança no brinquedo e/ou até mesmo estimulando-a a escorregar, subir e/ou dançar como havia feito anteriormente.



Fotogramas do filme *A magia do brincar* – Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

As filmagens foram feitas em três dias consecutivos. E após algumas já realizadas, surgiu o grande desafio, o som que as acompanharia no filme<sup>11</sup>.

No momento da edição pensamos em procurar um ruído assustador, ou em misturar esses ruídos com sons que tranquilizavam ou mesmo gravar sons das crianças. Essa reflexão durou por volta de uma semana até relatar essa dificuldade em uma das reuniões com os participantes do Projeto, os quais fizeram várias sugestões. Mas não foi neste dia que surgiu a ideia da música para o filme.

Durante nossa rotina de trabalho, a Mônica comentou que no momento de higienização das crianças, no banheiro fora da sala, cantava uma música específica para elas:

talvez tenha se dado pelo som do ambiente onde são realizadas as trocas, justamente por ser mais silencioso, calmo, contido, talvez por ser um momento de troca de afeto de cuidado, acaba que se tornando nosso momento de estabelecer confiança, amizade com elas, afinal elas nos olham diretamente nos olhos, e por estar somente eu e a criança costume cantar esta melodia mais suave que é a música *Faz de conta* composta pelo grupo musical *Palavra*

<sup>11</sup> Link para o filme *A magia do brincar*: [https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5\\_yT2rg&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5_yT2rg&t=3s).

*Cantada.* (texto adaptado do caderno de campo de Mônica Araújo da Silva no Projeto *Lugar-escola e cinema*)

A letra da música é:

Faz de conta que a meia é uma bola  
Faz de conta que o mato é jardim  
Eu vou brincar,  
eu vou brincar,

Se eu não brincar, ninguém brinca por mim

Faz de conta que eu gosto do frio  
Faz de conta que eu sou um pinguim  
Que eu sei nadar,  
eu vou nadar,  
Se eu não nadar, ninguém nada por mim  
Faz de conta que eu sou colombina  
Faz de conta você é o arlequim  
Eu vou pular,  
o carnaval,  
Se eu não pular, ninguém pula por mim  
Quem vai querer brincar  
Quem vai querer vem cá

Brincar é pra já....  
Faz de conta que eu toco um chorinho  
Bem baixinho no meu bandolim

Que eu sei chorar,  
eu vou chorar,  
Se eu não chorar, ninguém chora por mim  
Faz de conta que bateu a fome  
Que a vovó fez um belo pudim  
Eu vou comer,  
eu vou comer  
Se eu não comer, ninguém come por mim  
Eu vou brincar,  
eu vou brincar  
Se eu não brincar, ninguém brinca por mim  
Eu vou nadar...  
Eu vou pular...  
Eu vou chorar...  
Eu vou comer,  
Eu vou comer.  
Se eu não comer, ninguém come por mim.

(PALAVRA CANTADA, música *Faz de conta*)

Em outro trecho de seu caderno de campo, Mônica escreve:

Ao levar uma de nossas meninas pra higienização, não cantei, e durante nosso momento de troca, ela começou a cantar ‘eu vou brincar, eu vou brincar’. Então sorri sozinha por não ter cantado e me encantei com seu cantar, não só pelo fato de ouvi-la, mas porque senti ali que de alguma forma aquele momento a música havia ficado na memória dela. Fazia sentido para ela, era prazeroso, ou seja, de alguma forma fazia diferença para a criança. A partir deste momento, pensei em gravar o som de várias crianças cantando, uma de cada vez, o mesmo trecho da música “eu vou brincar, eu vou brincar”... O resultado teria tonalidades e intensidades diferentes, sendo encantador e engraçado. A música seria interpretada de maneira singular, nos trazendo a simplicidade e a docilidade da voz de cada criança... (Trecho do caderno de campo de Mônica Araújo da Silva no Projeto *Lugar-escola e cinema*)

Os trechos acima relatam aquilo que nos foi relatado pela Mônica, quando nos propôs que esta música faria todo sentido no filme que estávamos fazendo. Acolhemos imediatamente a ideia, uma vez que, assim como nas filmagens, na música algumas crianças representariam todas sem identificação de seus nomes e rostos, uma vez que seria muito difícil identificar a voz de cada uma delas sem a referência na imagem. Novamente teria, como estética do filme, o mistério e magia que gosto de ressaltar, tendo todas as crianças como protagonistas de uma infância sem estereótipos. Trago ao texto mais um fragmento escrito pela Mônica:

Fiz a gravação das vozes conforme havia pensado e o resultado foi incrível. Chamei cada criança uma a uma num espaço exterior próximo a nossa sala, era uma manhã fria e com vento. Expliquei que eu ia gravar sua voz, e por isso gostaria de ouvi-la cantar “eu vou brincar, eu vou brincar” assim como é na música. Foi muito engraçado, porque alguns ficavam muito tímidos, mas faziam questão de cantar, em uma das gravações ouvimos a criança rir, e na outra ela cantar “eu vou brincar e acrescentar que está frio”, foi muito espontâneo, foi lindo. A singularidade de cada uma foi marcante, cada uma cantando a seu modo, mais fraco ou mais forte (a intensidade que eu havia imaginado), a voz melodicamente mais longa ou mais curta (tímida, insegura ou desinibida e confiante).

Após estas gravações, pedi pra um amigo tocar apenas a introdução da música no piano e gravei as variadas vozes com a música tocada, ficou melhor do que eu imaginei, não tenho palavras para descrever a docilidade da música que por sua vez quando foi inserida no filme gravado pela Juliana, onde só aparecem as sombras das crianças brincando, ficou mais que um encanto, ficou mágico. (Trecho do caderno de campo de Mônica Araújo da Silva no Projeto *Lugar-escola e cinema*)

No momento em que a Mônica enviou pelo *whatsapp* a música, abrimos o aplicativo de edição *Video Show* e inserimos imediatamente a música para ver como ficaria e enviamos para ela de volta. Ficamos encantadas com imagens e som juntos. Mas pelo aplicativo não tinha ficado como gostaríamos. Então tendo a música em mãos, pedimos ajuda a um editor profissional. Após ver e rever o filme editado pelo celular, marcamos os pontos que gostaríamos que aparecessem e pedimos ao editor<sup>12</sup> que seguisse o roteiro. Apenas uma cena pedimos para que ele sincronizasse com a música: o momento em que uma criança sobe em uma escada do brinquedo e as sombras das folhas

<sup>12</sup> Bruno Oliveira da Silva, possui graduação em Comunicação Social.

mexem, ventando, deveria sincronizar-se com a voz da criança que dizia “está frio”. As outras cenas foram inseridas aleatoriamente. Como havia mais cenas do que tempo de música, algumas foram excluídas, principalmente as mais parecidas entre si.

Exibimos o vídeo editado com a música para as crianças da turma. Nesta idade é muito comum eles pedirem para ver de novo o filme e então exibimos duas vezes. Em alguns momentos as crianças interagiam tentando adivinhar os personagens “acho que é a Maísa...” e outra dizia “não, sou eu lá”. Elas procuravam identificar as sombras e vozes. A experiência foi bem interessante. Sentimos não ter deixado mais longo o filme para esta exibição. A sensação que dava era querer ver de novo e de novo, tentando imaginar mais cenas desenhando as crianças em suas brincadeiras. Mas aprendemos que em um bom filme é normal ter essa sensação...

Ficou a certeza de que “trouxemos para a tela a beleza do lúdico que vivemos na escola, traduzindo de uma forma muito simples e forte as sombras de cada brincadeira” (texto adaptado do caderno de campo de Mônica Araújo da Silva no Projeto *Lugar-escola e cinema*)

## Conclusão

Quando filmamos as crianças, percebemos que também estamos refletindo e reagindo à realidade e à magia que nos cerca dentro da escola. As cenas: os espaços de brincar construídos pelos pequenos nos escolhem neste momento de filmar, nos seduzindo e envolvendo de forma a conduzir todo trabalho.

Muitas vezes nos descontrolamos querendo capturar muitas imagens; outras vezes, focamos mais nas sombras e no mistério que elas representam. Não existe fenômeno mais incrível que a magia da própria sombra, aquela que é formada pelo próprio objeto, por efeito de incidência da luz, como o sol que ilumina as crianças numa linda manhã. Afinal, qual criança não gosta de brincar com sua própria sombra, se tornando gigante diante de objetos ou pequena como formigas, além de se divertir com seus movimentos e contrastes, explorando todo espaço à sua volta.

Não deixando de destacar a importância da sombra projetada, quando um objeto em contato com uma luz artificial forma uma sombra que é projetada posteriormente num plano, como manipulamos no teatro de sombras. As silhuetas têm realmente sua poesia, umas mais intensas, outras oscilantes nos transmitindo sempre muitas sensações.

Sentimos falta em não ter feito um diário durante as observações e filmagens, pois este olhar e reflexão durante a ação nem sempre será o mesmo após algumas semanas. Quando todos os sentimentos ainda estão aflorados e sentidos, o presente é avaliado de forma mais intensa, sendo mais fiel a escrita. Mas, enfim, aprendemos que o registro é importante em qualquer momento; voltar, através da memória, no dia do acontecimento nos dá a oportunidade de olhar pra trás no tempo com mais experiência e questionamentos.

Após dois anos de participação no Cineclube Regente/Cha, ao analisar nossos filmes é possível perceber nossa personalidade. Para quem conseguir “ler” nossos trabalhos, eles dizem um pouco sobre cada um e sua maneira de ver o espaço, as crianças e todas as suas possibilidades.

Como diz Eurico de Barros (2017), em seu texto “*Lumière! e o cinema fez luz sobre o mundo graças aos irmãos Lumière*”, “o cinema não se limita a ser apenas um registro em bruto e passivo do real, querendo desde logo desenvolver uma linguagem própria e uma estética específica.” Ou seja, um filme sempre carregará um olhar subjetivo, ocularmente movimentado pelas histórias de vida de quem o faz, havendo interlocução e diálogo entre a imagem e o cineasta.

## Referências

BARROS, E. “Lumière!”: e o cinema fez luz sobre o mundo graças aos irmãos Lumière. *Observador*, 2017. Disponível em: <https://observador.pt/2017/10/12/lumiere-e-o-cinema-fez-luz-sobre-o-mundo-gracas-aos-irmaos-lumiere/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

MELO, D. 20 filmes que exploram o olhar das crianças sobre o mundo. *Centro de Referência em Educação Integral*, 2017. Disponível em: [https://educacaointegral.org.br/reportagens/20-filmes-que-exploram-o-olhar-das-criancas-sobre-o-mundo/?fbclid=IwAR1-pe5wEvch\\_iMn3EiwnbDM9SEfUZjPU4BkYlwreJQIH99hk1Kp0Y2I5g](https://educacaointegral.org.br/reportagens/20-filmes-que-exploram-o-olhar-das-criancas-sobre-o-mundo/?fbclid=IwAR1-pe5wEvch_iMn3EiwnbDM9SEfUZjPU4BkYlwreJQIH99hk1Kp0Y2I5g)). Acesso em: 06 jan. 2021.

PALAVRA CANTADA. *Faz de Conta*. DVD As Melhores Brincadeirinhas Musicais da Palavra Cantada, São Paulo, 2011.

PALAVRA CANTADA. *Rato*. DVD Palavra Cantada Clipes, São Paulo, 2000.

## Sobre os autores

**Juliana Pereira da Silva de Oliveira.** Graduada em Pedagogia e tem Especialização em Administração Escolar (Anhanguera Educacional de Campinas). É agente de educação infantil da Prefeitura Municipal de Campinas. Tem experiência em fotografia e filmagens de pessoas e eventos, é integrante do Cineclube Regente/Cha e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”, pesquisando e produzindo filmagens e filmes sobre o tema das relações entre luz e sombra no cinema.

E-mail: [juliana.deoliveira@educa.campinas.sp.gov.br](mailto:juliana.deoliveira@educa.campinas.sp.gov.br).

**Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.** Graduado em Geografia (Universidade Federal de Juiz de Fora), tem Mestrado e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professor na Faculdade de Educação/Unicamp e pesquisador no Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO. Pesquisa nos seguintes temas: imagens e educação, imagens e geografia, cinema e escola. Coordena o Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”.

E-mail: [wences@unicamp.br](mailto:wences@unicamp.br).